

Reagan já aceita debater propostas dos devedores

Rio — O embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Diego Ascencio, disse ontem, após almoço-homenagem que recebeu do Conselho Interamericano de Comércio e Produção (CICYP), no Rio, que até o tesouro norte-americano, além das agências financeiras daquele país, já aceita debater as propostas dos países subdesenvolvidos para renegociar sua dívida externa. E seus efeitos podem ocorrer a partir de outubro próximo, depois da recente reunião da Filadélfia.

Ele afirmou, também, estar certo de que o último aumento da Prime-Rate nos Estados Unidos "não é automático nem dirigido a dedo contra o México ou contra os países devedores", mas representa principalmente uma convergência de condições internas e externas da economia norte-americana. Segundo Ascencio, a política fiscal dos EUA só deve mudar depois das próximas eleições.

"Se eles soubessem como acabar com o déficit fiscal de outro modo, não haveria problema", disse, excusando-se a responder em que medida o atual quadro da sucessão presidencial brasileira poderia influenciar os entendimentos do governo a governo. "Gosto muito do Brasil e pretendo continuar

aqui", comentou, sorrindo, ao reiterar que sua função diplomática o impede de comentar assuntos do país onde serve. "Os estrangeiros não devem opinar sobre assuntos internos".

Na opinião do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, os juros devem baixar em 1985, citando uma brincadeira, de fonte qualificada da Reserva Federal dos Estados Unidos (o FED, instituição que corresponde ao Banco Central). "Mas toda brincadeira tem um fundo de verdade. E, realmente, para mudar o déficit fiscal norte-americano é preciso fazer coisas, como cortar o orçamento ou aumentar os impostos, que só deverão ser feitos depois das eleições, no ano que vem. E com isso, ou com recessão, os juros baixam em 1985".

Ele reiterou que também o Governo dos Estados Unidos não gostou da elevação da taxa de juros no mercado norte-americano, mas que a solução destes problemas é muito complexa, impossível de ser tratada numa entrevista informal, demandando uma verdadeira tese de doutorado. "Porque nem todos os economistas concordam em que a alta das taxas do dólar no mercado internacional resultou efetivamente da política monetária e fiscal dos Estados

Unidos ou que esteja vinculada à sua situação financeira".

No seu entender, o fato de não querer discutir publicamente e com a imprensa os termos da renegociação da dívida externa brasileira não significa falta de interesse sobre o assunto: "Sou um observador, tendo que atenuar os atritos entre os dois países. Assim, converso com as autoridades econômicas do País, como os ministros Delfim Netto e Ernane Galvães e o presidente do Banco Central, Afonso Pastore, tentando ajudar. Em síntese, procuro não falar de público sobre temas polêmicos, mas tento ajudar".

Indagado sobre a posição argentina de não aceitar as condicionalidades do Fundo Monetário Internacional, e partir para uma recessão como forma de conseguir auxílio financeiro da instituição, Ascencio respondeu sorrindo: "Meu Deus, eu já tenho problemas suficientes com o Brasil, nem penso em preocupar-me com a Argentina".

Na opinião do embaixador norte-americano, a política econômica do Governo Reagan é um dos maiores argumentos para sua reeleição junto à opinião pública dos Estados Unidos. O que, no momento, parece torná-lo imbatível.